

O futebol filmado: *Tostão, a Fera de Ouro* (1970)

The filmed football: *Tostão, the Fera de Ouro* (1970)

Luiz Carlos Ribeiro de Sant'Ana

Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro (FAETEC), Rio de Janeiro / Brasil
Doutorado em História Comparada, UFRJ
caoargos@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem origem em um trabalho maior, que se propôs a uma análise comparativa entre filmes sobre futebol no Brasil e na Espanha, entre 1964 e 1975. O texto que se segue, mais restrito, tece considerações específicas sobre o documentário *Tostão, a Fera de Ouro* (1970), dirigido por Paulo Laender e Ricardo Gomes Leite. Procuramos circunscrever a produção da obra aos seus aspectos conjunturais mais gerais e no âmbito da feitura de películas sobre futebol até aquele momento. Levamos em conta aspectos da linguagem e sugerimos uma possibilidade interpretativa.

Palavras-chave: Futebol; Cinema; Ditadura brasileira.

Abstract: This article has its origin in a larger work, which proposed a comparative analysis between soccer films in Brazil and Spain, between 1964 and 1975. The following text, more restricted, weaves specific considerations about the documentary *Tostão, a Fera de Ouro* (1970; *Tostão, the Fera de Ouro*), directed by Paulo Laender and Ricardo Gomes Leite. We seek to circumscribe this cinema production to its more general conjuncture aspects and in the context of making films about soccer up to that moment. We take into account aspects of language and suggest an interpretive possibility.

Keywords: Football; Cinema; Dictatorship in Brazil.

INTRODUÇÃO: *TOSTÃO, A FERA DE OURO*¹

O texto que ora apresentamos constitui-se em adaptação revista de uma parte de um trabalho maior, concluído em 2013. Tratou-se, na ocasião, de se propor uma comparação entre filmes que tematizaram o futebol, no Brasil e na Espanha. O período abarcado se situou entre 1964 e 1975, ou seja, sob diferentes momentos de regimes ditatoriais. Para os fins deste artigo, selecionamos a obra *Tostão, a Fera de Ouro*, de 1970, dirigida pela dupla Paulo Laender e Ricardo Gomes Leite. Nosso intuito será o de apresentar minimamente as condições de aparecimento e confecção dessa película, os termos do encontro entre o futebol e o cinema na mesma e a configuração de aspectos analíticos viáveis. Por fim, sugerimos um possível olhar crítico para além do campo estritamente futebolístico. Vamos ao trabalho.

O nosso documentário sobre Tostão foi realizado durante as eliminatórias da Copa de 1970, quando o craque foi o artilheiro da Seleção Brasileira, assinalando 10 dos 23 gols marcados pelo time, isso em apenas seis jogos.²

Relativamente à natureza da produção fílmica, o *Guia de Filmes 26* informa tratar-se de uma "cinebiografia futebolística em estilo de reportagem filmada".³ Conforme o professor de cinema Leo Vidigal, o documentário apresenta "um desafio incomum para os produtores da época", isso por conta "das gravações de entrevistas e depoimentos fora dos estúdios, o que ainda era caro e raro". Essas características de produção, acrescidas da tomada do "som direto e o acompanhamento da equipe no exterior", conferem ao filme "um certo tom jornalístico", conclui.⁴

A direção da película, conforme já adiantamos, foi colocada a cargo dos estreantes Paulo Laender e Ricardo Gomes Leite, os quais, após esse *début* cinematográfico, não desenvolveram grande carreira no meio. Laender parece ter

¹ Ficha técnica em anexo.

² Cf. VIDIGAL. Cinema e futebol.

³ FILMOGRAFIA: *Tostão: a Fera de Ouro*.

⁴ VIDIGAL. Cinema e futebol. O autor ainda complementa: "[A equipe de fotografia] registrou, com imagens e sons exclusivos, quase todas as partidas do selecionado no certame [as eliminatórias da Copa de 1970], deixando de fora apenas o jogo contra o Paraguai realizado em Assunção, em que Tostão fez gols".

jogado mais peso no ofício de artista plástico⁵ e Ricardo Leite aparece como coescritor do documentário *Muda Brasil* (1985), dirigido por Oswaldo Caldeira. Esta última obra versa sobre a trajetória de Tancredo Neves e o início trágico da Nova República. Para além disso, o nome de Leite aparece apenas no curta *Solo em noite de lua* (1992). Não obstante, mesmo antes da estreia, a película era laureada com a Medalha de Prata do Comitê Olímpico Nacional Italiano, no Festival Internacional do Filme Esportivo de Cortina D'Ampezzo, 1969, o que foi destacado quando do lançamento em território nacional.⁶

Na mesma matéria do *Jornal do Brasil*, de 28 de março de 1970, o anúncio do início da exibição do filme em Belo Horizonte é acompanhado de um outro evento, a publicação de livro biográfico sobre Tostão (assinado pelos jornalistas Canor Simões Coelho e Pedro Zamora). A obra literária é apresentada da seguinte maneira:

Conta a vida de Tostão – o homem e o jogador – desde o início de sua carreira, quando deu os primeiros chutes em uma bola no campinho do Conjunto Residencial do IAPI, em Belo Horizonte, até o drama de sua operação de deslocamento de retina em Houston, nos Estados Unidos.

Sobre o filme, esclarecem: “[...] projetado inicialmente para ser um curta-metragem de 15 minutos, *Tostão, a Fera de Ouro* passou para [...] um longa metragem depois que o jogador rompeu as fronteiras de Minas para surgir como um jogador genial em todo o Brasil”. E finalizam: “Enfim, *Tostão, a Fera de Ouro* é uma reportagem filmada, objetiva, direta, sobre um grande espetáculo popular, e o filme se mantém, sempre, fiel à emoção desse espetáculo”.⁷

O LUGAR CINEMATOGRAFICO DA FITA

Em uma pequena coluna de anúncio da programação televisiva, na Folha de São Paulo, podemos encontrar a divulgação da exibição do filme de Laender e

⁵ Ver o site do próprio Paulo Laender: <http://www.laender.com.br/>. Acesso em 23 fev. de 2017. Encontramos apenas mais uma referência de Laender em um trabalho com cinema, sua participação como assistente de direção de Ugo Giorgette, na realização de documentário sobre o pugilista Eder Jofre, *Quebrando a cara*. Cf. PAULO Laender.

⁶ TOSTÃO já é filme e livro, p. 18.

⁷ TOSTÃO já é filme e livro, p. 18. Conforme o jornalista Cláudio Henrique, Geraldo Veloso [um dos produtores executivos do filme] confirmaria a intenção inicial da feitura de um filme mais curto: "Não intencionalmente, o filme que deveria ser um média-metragem virou praticamente um diário de bordo". Cf. HENRIQUE. *Tostão: a Fera de Ouro*.

Ricardo Leite, no dia 28 de maio de 1974, no canal 13, no horário das 23 horas. Essa empresa era pródiga nas transmissões de jogos. Não causa maiores estranhamentos, portanto, que quatro anos depois da estreia o filme encontrasse espaço na programação da rede; provavelmente em algum especial de filmes sobre futebol, pelo que podemos inferir a partir da leitura da matéria, a qual indica que na semana anterior a emissora havia passado *Garrincha, a alegria do povo* (1963). O jornalista aproveita para dar o seu pitaco: “O filme [*Tostão, a Fera de Ouro*] tenta aproveitar a fama do focalizado, mas usa recursos que deixam a desejar. *Garrincha, a alegria do povo* (que o 13 exibiu na semana passada) é, no entanto, muito melhor”.⁸

Aproveitamos essa opinião despreziosa para mencionar uma comparação que se impõe, a cada vez que se vai discutir cinema brasileiro e futebol, principalmente no âmbito do documentário. A obra de Joaquim Pedro de Andrade, o filme preferido do jornalista da Folha, constitui-se em referência obrigatória. Virtualmente todos os filmes (repito, principalmente documentários, mas não exclusivamente) realizados posteriormente sobre futebol no Brasil tendem a ser emparelhados à *Garrincha, a alegria do povo*.

Quase para exemplificar a observação acima, atentamos para o fato de que este é o exato procedimento do professor Leo Vidigal, em breve crítica sobre *Tostão, a Fera de Ouro*. Seu texto tem início precisamente tomando como parâmetro o filme de Joaquim Pedro:

Seis anos depois de *Garrincha, alegria do povo* [...] que foi um marco na tradução cinematográfica do futebol no Brasil, seria realizado um documentário sobre o maior craque da história do Cruzeiro, chamado *Tostão, a Fera de Ouro*, dirigido pelos jovens mineiros Paulo Laender e Ricardo Gomes Leite.⁹

O jornalista Claudio Henrique, por sua vez, nos informa que “O filme foi gravado com três câmeras e sete cinegrafistas se alternando. Segundo o produtor Geraldo Veloso, vários deles tinham feito o filme sobre *Garrincha*”.¹⁰

A despeito das relações possíveis entre os filmes sobre *Garrincha* e *Tostão*, este último, somente de forma tangencial, se conecta ao primeiro. A obra do diretor de *Macunaíma* (1969), *Os Inconfidentes* (1972) e outros importantes títulos, “deve ser

⁸ FILMES na TV, p. 31.

⁹ VIDIGAL. Cinema e futebol.

¹⁰ HENRIQUE. *Tostão: a Fera de Ouro*.

[entendida] no contexto do movimento cinematográfico em que estava inserido: o Cinema novo”.¹¹ Já o filme dos dois diretores mineiros, no dizer de Luiz Oricchio,

Mantém seu foco no ídolo e dele não se afasta. Ao contrário dos documentários da época do Cinema Novo, este não extrapola jamais o campo de jogo, por assim dizer. Conserva o futebol num plano de assepsia e dele não tira nenhuma conclusão.¹²

NARRATIVA FÍLMICA

A condução do enredo fílmico de *Tostão* tem uma marcação bastante delineada. Othon Bastos, hoje ator veterano, de voz marcante e inconfundível, assume a personagem de Tostão. Isso fica claro logo aos quatro minutos, na primeira entrada dialógica. A câmera foca Tostão em campo e a voz de Bastos anuncia: “Esse daí sou eu”. E essa é a indicação para o restante da película. Há ainda um segundo narrador/observador, na voz de Orlando Souza.

Relativamente à marcação da estrutura narrativa, ela gira em torno de quatro tópicos. O Tostão jogador (principalmente da seleção); o Tostão nas suas origens, em Belo Horizonte, na conversa e lembrança da infância, nos depoimentos de quem lhe conheceu no colégio à época de criança ou nos seus primeiros passos na carreira. O terceiro tópico se refere ao drama, à fatalidade, ao imponderável. Trata-se da contusão no olho e no deslocamento de retina, o qual ameaça a sua carreira e a participação na Copa de 1970. O quarto tópico, por assim dizer, tem até “título”. É introduzido, narrativamente, com a expressão “do outro lado do futebol” (aproximadamente aos 47 minutos): remete à vida do homem, do cidadão e por isso inicia com o nome de batismo e características pessoais: “Eduardo Gonçalves de Andrade, 23 anos, um metro e setenta. Do outro lado do futebol ...”.

O filme tem início com o primeiro tópico, o jogador do escrete, e finaliza em epílogo, praticamente com uma cena dos próximos capítulos. Os dizeres na tela assim o indicam: “Continua no México”.¹³

¹¹ MELO; DRUMOND. Garrincha X Pelé, p. 235.

¹² ORICCHIO. *Fome de bola*, p. 138.

¹³ Talvez valha observar ainda que a condução não é cronologicamente retilínea. É feita de idas e vindas entre os tópicos desmembrados acima, não obedecendo necessariamente à sucessão dos fatos. Em havendo interesse, podemos esquadrihar o percurso de acordo com a decomposição no tempo de filmagem, de modo aproximado. Ficaria assim: do início a

Na época, Tostão era uma grande aposta para o México, e esse é um mote importante da fita. Podemos mesmo dizer que o ex-jogador do Cruzeiro constituía-se, naquele momento, na *esperança branca* do escrete (e/ou na *esperança mineira*). E não é exagero, tanto que é citado na película como o “rei branco do futebol”. Um contraponto, é claro, a Edson Arantes do Nascimento. De forma explícita, Tostão é ainda nomeado de o “Pelé branco”. Em curiosa entrevista, na entrada do Maracanã, os atores Hugo Carvana e Claudio Marzo são convidados a opinar. Do segundo artista ouvimos o seguinte vaticínio: “É, eu acho que talvez no fim dessa Copa o Pelé tenha que passar a coroa pro Tostão”.

O jogador Wilson Piazza, por seu turno, também demonstra confiança no companheiro do Cruzeiro e da Seleção. Arrisca que, com o tempo, “talvez” Tostão chegue a superar o craque santista.

Uma sequência dos debates registrados e provocados nessa fita, portanto, traçam a comparação entre esses dois grandes personagens. Revezam-se rampantes entusiásticos a um futuro reinado futebolístico mineiro, com a cautela e respeito impostas pelo Rei. Nessa lógica, temos o próprio Tostão, na narração de Othon Bastos, declarando a superioridade do craque de ébano: “Pelé está acima de todos. Tudo o que ele faz é perfeito”. Piazza, mencionado acima como um entusiasta da potencialidade do colega de clube, inicia sua aposta ressaltando-se: “O Pelé, para mim, é incomparável”.

Na continuação, a narrativa fílmica ressalta o caráter atlético, a capacidade física do jogador, além da dedicação do mesmo,¹⁴ a qual reforça o talento com o qual teria sido brindado pelo destino. Tostão, no entanto, parece ser retratado como sendo um jogador mais educado que a média, tanto que se pode escutar (e ver imagens respectivas) que ressaltam que, fora do futebol, o atleta “ouve Chico

13min.39s, o jogador da seleção; de 13min.39s a 20min.37s, o ambiente em Belo Horizonte, a infância, os primeiros passos profissionais; de 20min.37s a 33min.17s novamente o jogador; de 33min.17s a 39min.51s o drama da contusão e operação; de 39min.51s a 47min.40s o jogador de novo; de 47min.50s a 50min.27s, o homem, o “outro lado do futebol”; de 50min.27s a 1h5min. a apoteose momentânea do jogador, com a classificação para a Copa; de 1h5min.8s a 01h8min.57s, imagens da cidade vazia, de estádios cheios e a trilha sonora de “O país do futebol”; de 1h8min.57s a 1h10min.19s, reexibição dos gols de Tostão; de 1h:10min.19s ao fim, em 01h10min.57s, a sequência final. Vejam uma breve descrição dessa última sequência, nas páginas seguintes deste artigo.

¹⁴ No treino do seu clube, afirma a narração, “Tostão é um dos primeiros que chegam (...) assina o ponto com um preparador exigente no Cruzeiro: Paulo Benigno”.

Buarque” e “lê Drummond e Vinicius”.¹⁵ Ademais, Eduardo Gonçalves de Andrade (Tostão), também tinha ocupações paralelas: era proprietário de uma loja de artigos esportivos e revendedor Shell.

O momento histórico/futebolístico da filmagem, às portas da Copa do Mundo de 1970, parece propiciar que o documentário aposte na promessa de aperfeiçoamento e agigantamento de um jogador já reconhecido, e em bela fase. O que de fato se confirma, posteriormente, na competição. É por isso que o final filmico de a “Fera de ouro” é formado a partir do enquadramento solitário de Tostão, em um dos *corners* do campo do Maracanã, próximo à bandeirinha e com o povo da geral, ao fundo. O jogador é “flagrado” no singelo ato de amarrar suas chuteiras, em silêncio. Na sequência, a câmera abre e a trilha sonora retorna. O herói parte para o jogo... “Continua no México...” é o que vemos grifado na tela. É a promessa.

O que não parecia estar no esquema era que, se a *performance* de Tostão foi considerada brilhante, a de Pelé foi esmagadora e definitiva. Em 1970, com o camisa 10, não se tratava mais de perspectivas, mas da *celebração, construção e exaltação do virtuose*. E das extrapolações relacionais entre a trajetória individual do Rei e os rumos do Brasil e do povo brasileiro.¹⁶ Mas isso, evidentemente, não era do conhecimento dos contemporâneos.

O PAPEL DO FUTEBOL NA TELA: *TOSTÃO, A FERA DE OURO*

O futebol, o jogo em si, com os atletas e um protagonista-condutor é muito importante na fita de Paulo Laender e Ricardo Leite. Como já mencionamos (ver nota de rodapé número 4), cinco das seis partidas disputadas para a classificação para a Copa do Mundo de 1970 são mostradas. A última delas, contra o Paraguai, em 31 de agosto de 1969, toma quase dez minutos da película (9.20 minutos para ser exato). Este último confronto constitui a apoteose da obra. Historicamente implicou a confirmação da presença do selecionado na Copa do ano seguinte (conforme a

¹⁵ A narração reforça essa distinção quando mais à frente reproduz declaração do goleiro Raul, o qual teria dito que “não entende muito o seu amigo. Ele só gosta de músicas do Chico Buarque e da poesia de Vinicius de Moraes”.

¹⁶ SANT’ANA. O futebol nas telas, p. 151-161.

narração: “O Brasil visava o seu passaporte para o México”) e, filmicamente, constitui o cumprimento da missão/performance do jogador/herói Tostão.

Somando as cenas de jogos e treinos (tanto da seleção quanto do Cruzeiro) chegamos a cerca de 38 minutos em uma produção que totaliza uma hora e dez, ou seja, aproximadamente 54% da película (isso sem contar as diversas entrevistas vinculadas, os depoimentos de torcedores ou pessoas do ramo, as sequências dos arredores do Maracanã nos dias dos jogos etc.). Além dessa presença expressiva do jogo, duas outras coisas se deve pontuar. Primeiramente uma certa preocupação e elaboração estética dessas imagens de futebol. Já indicamos que a equipe de filmagem produziu o material através da cobertura própria dos certames definidores para a ida à Copa do México. Esse trabalho também teve participação humana e técnica inspirada na abordagem do Canal 100, “craques” internacionalmente reconhecidos na confecção plástica do futebol filmado. Oswaldo Caldeira, cineasta e professor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), nos lembra com boa nostalgia que aos “primeiros acordes da música do Luís Bandeira, *Na cadência do samba*”, as plateias dos cinemas eram tomadas por “uma alegria contagiante”.¹⁷ Bom, ao menos para os que gostavam de futebol.

Pois bem, é nítido o cuidado e a busca por uma produção equivalente no documentário mineiro. Dentre outros, o próprio recurso a uma trilha sonora de primeira; se o Canal 100 tinha suas imagens embaladas por Luís Bandeira, *Tostão, a Fera de Ouro*, apresentava músicas inéditas e de grande pertinência (parte delas feita para o filme) de Milton Nascimento (mais à frente retornaremos a isso). Em suma, o futebol, nesta produção, se reveste de uma imagética e sonoridade de esmero e pretensão estética.

Um segundo ponto diz respeito a uma caracterização do futebol, expressa pela figura chave, o próprio Tostão. O jogador, na narração de Bastos, opina assim sobre o esporte bretão: “O futebol aproxima os povos; é uma das poucas coisas que podem unir, fraternalmente, os homens. Nos ensina a viver e a raciocinar em conjunto. Exige soluções rápidas e decisivas, onde conta o trabalho de todos”.

¹⁷ CALDEIRA. *Garrincha, alegria do povo e Canal 100*, p. 46.

Essa última passagem parece contrariar (e de fato o faz) a leitura de Luiz Oricchio, destacada anteriormente, segundo a qual o documentário em questão conserva “o futebol num plano de assepsia e dele não tira nenhuma conclusão”.¹⁸ É claro que a “moral” abstraída do jogo, essa sim, é de corte quase inofensivo. Recorre a uma tradicional associação das vantagens do desporto para a socialização respeitosa entre os homens. De qualquer maneira, é algo para além do futebol nele mesmo.

TOSTÃO, A FERA DE OURO: O LUGAR DE PRODUÇÃO

Em termos futebolísticos, o filme é produzido quando

O Mineirão acabava de ser construído e o futebol em Minas Gerais se emancipava atingindo importância nacional. O Cruzeiro surgiu no meio desta conjuntura com um time mágico e vencedor. O único capaz de se impor frente ao Santos de Pelé. No elenco celeste, dentre craques como Piazza, Dirceu Lopes, José Carlos, Raul, Natal, se destacava Tostão.¹⁹

Para os termos mais amplos recorreremos novamente a Luiz Oricchio. O jornalista e crítico observa que em um “momento difícil para o país, o documentário é extremamente neutro”, concentra atenções no ídolo e “não extrapola jamais o campo de jogo”.²⁰ Já adiantamos que essa última afirmação pode ao menos ser contraposta à opinião do personagem Tostão, emitida na fita. Com exceção desse pequeno matiz, a caracterização geral de Oricchio me parece fundamentalmente correta. Não obstante, gostaríamos de apontar um outro detalhe; diria quase uma saliência, em meio à planície asséptica na qual o futebol seria tratado no documentário. Para tanto teremos que ver (ouvir) mais de perto a trilha sonora dessa produção.

Para esse filme contamos com quatro composições musicais, a saber, “Tema de Tostão” (Milton Nascimento), “O homem da sucursal” (Milton/Fernando Brant), “O jogo” (Pacífico Mascarenhas) e “Aqui é o país do futebol”.²¹ O jornalista Claudio Henrique fornece algumas informações e apreciações sobre esse conjunto. Afirma

¹⁸ ORICCHIO. *Fome de bola*, p. 138.

¹⁹ HENRIQUE. *Tostão: a Fera de Ouro*.

²⁰ ORICCHIO. *Fome de bola*, p. 138.

²¹ NASCIMENTO. *Tostão, a Fera de Ouro*.

a relevância da trilha musical para a obra e a considera “coerente com a trama”, uma vez que “traduz perfeitamente a paixão do brasileiro pelo futebol”. Ademais, o convite “aos futuros integrantes do Clube da esquina para compor a trilha” não teria sido por acaso:

Milton é cruzeirense. Fernando americano. Ambos apaixonados por cinema, assim como os diretores e produtores. Todos eram cinéfilos e cine clubistas, membros do CEC – Centro de estudos cinematográficos [...]. Milton e Fernando trabalharam ‘sob encomenda’ [...]. Milton fez depois de ver as imagens do filme [...]. Pacífico Mascarenhas, amigo pessoal de Tostão, procurou os realizadores com a música “O jogo” pronta.²²

Além desses elementos, Claudio Henrique avalia: em *Tostão, a Fera de Ouro*, “o casamento entre trilha, enredo e imagem se deu na medida exata”.²³ Henrique certamente se refere à pertinência, qualidade e sincronia com as imagens, e nisso conta com minha concordância. Porém, é exatamente aqui onde um pequeno estranhamento parece se fazer sentir, e ele é acionado pela canção “Aqui é o país do futebol”, a qual incide aproximadamente por 3min48s, no finalzinho da película (entre 1h5min9s e 1h8min.57s). Depois de mais de uma hora de um filme que foi descrito como “extremamente neutro” (sem grandes analogias/teses sociais), detido no jogo/espetáculo; de uma película atenta a uma apresentação do futebol como arte popular, plástica e cinematograficamente reelaborada, nós nos deparamos com uma sequência de considerável duração, quase melancólica. Tomadas elevadas e mesmo aéreas da cidade, embaladas pela melodia do menestrel mineiro, vão delineando ruas e praças vazias, em contraste com o estádio lotado:

Brasil está vazio na tarde de domingo, né?
Olha o sambão, aqui é o país do futebol

No fundo deste país
ao longo das avenidas
nos campos de terra e grama
Brasil só é futebol
nesses noventa minutos
de emoção e alegria
esqueço a casa e o trabalho
a vida fica lá fora
a fome fica lá fora

²² HENRIQUE. *Tostão: a Fera de Ouro*.

²³ Para mais informações consulte-se uma entrevista de Milton Nascimento a Danilo Nuha.

Repetição da estrofe

No fundo desse país
 ao longo das avenidas
 nos campos de terra e grama
 Brasil só é futebol
 nesses noventa minutos
 de emoção e de alegria
 esqueço a casa e o trabalho
 a vida fica lá fora
 a cara fica lá fora
 a fome fica lá fora
 a vida fica lá fora
 a cama fica lá fora.²⁴

Pois bem, esse samba (a música que mais teve repercussão da trilha), restando menos de dois minutos para o fim da fita, em uma sequência relativamente longa, parece convidar à reflexão, ou pelo menos incitar um estranhamento. Depois de se louvar o futebol (o jogador excepcional e com traços heroicos, posto que enfrenta dificuldades acrescentando empenho ao talento e vivenciando uma grandiosa experiência de superação), a letra da canção parece perguntar algo ao “país do futebol”. Reconhece a magia (ou alienação, para quem queira) dos 90 minutos das tardes de domingo; a absolutização desse tempo sagrado no qual a vida, a cama, a casa, o trabalho e a fome perdem importância. Simultaneamente, no conjunto da película, constitui-se no único segmento que apresenta alguma possibilidade/potencial reflexivo e, portanto, crítico: o Brasil só é futebol? E depois dos 90 minutos? Se não há condenação à paixão, o vazio das tomadas e a amplidão das mesmas não parecem compatíveis com a exaltação verbal e imagética que marca toda a película. E, detalhe, nos exatos dois minutos restantes para o término, retoma-se as imagens exclusivamente futebolísticas (o *replay* dos gols do camisa 9), ao som do “Tema de Tostão” (até 1h10min.18s). É quase uma recuperação da alegria e da arte *per se*; do padrão de todo o filme. Como uma correção do rumo perdido, momentaneamente. Daí (de 1:10:18 até o final, 1:10:58) é a sequência conclusiva, já comentada (Tostão destacado, amarrando a chuteira).

²⁴ Disponível em: <https://goo.gl/kh9NsD>. Acesso em 23 fev. 2017. Os versos “dinheiro fica lá fora”, “família fica lá fora” e “tudo fica lá fora”, que constam do disco, não são cantados no filme.

Para arrematar, recorreremos rapidamente ao pesquisador Euclides de Freitas Couto. Em tese que posteriormente tornou-se livro, o autor vai emparelhar os jogadores Afonsinho, Paulo César Caju, Reinaldo e Tostão no grupo daqueles frente aos quais o “autoritarismo” reinante no período “encontrou resistências”.²⁵ Relativamente a Tostão, o mesmo nos é apresentado como protagonista de uma “dissonância sutil”.²⁶ Pois bem, talvez esse seja o caso para a película em questão. Noutras palavras, talvez aqui também nos deparemos com uma sutileza (usei preferencialmente o termo *saliência*, em contraposição à caracterização de plano asséptico, baseado em Oricchio). Desta feita não se chega bem a se estabelecer uma postura de “resistência”, mas pode-se sugerir um estranhamento (um desconforto sem diálogo), por intermédio da composição musical e sua respectiva edição cinematográfica.

REFERÊNCIAS

- CALDEIRA, Oswaldo. Garrincha, alegria do povo e Canal 100. In: MELO, Victor Andrade; PERES, Fábio de Faria. **O esporte vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2005, p. 39-51.
- COUTO, Euclides de Freitas. **Jogo de extremos**: futebol, cultura e política no Brasil (1930-1978). Tese de doutorado, FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, 2009.
- FILMES na TV, p. 31. **Folha de São Paulo**, 28 maio 1974, Roteiro, p. 31.
- FILMOGRAFIA: *Tostão: a Fera de Ouro*. **Cinemateca Brasileira**. Disponível em: <<https://goo.gl/MbMwYI>>. Acesso em: 21 fev. 2017.
- HENRIQUE. *Tostão: a Fera de Ouro*. **Coisas úteis e inúteis da vida**, 7 set. 2011. Disponível em <<https://goo.gl/cDnq73>>. Acesso em 23 fev. 2017.
- LAENDER, Paulo. **IMDb**. Disponível em <<https://goo.gl/kj8Mj6>>. Acesso em 24 fev. 2017.
- MELO, Victor Andrade e DRUMOND, Maurício. Garrincha X Pelé: Futebol, Cinema, Literatura e a Construção da Identidade Nacional. In: MELO, Vitor Andrade; DRUMOND, Maurício (orgs.). **Esporte e Cinema**: novos olhares. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009, p. 221-259.
- NASCIMENTO, Milton. **Tostão, a Fera de Ouro**. Rio de Janeiro: Odeon, 1970. Disco de vinil. Disponível em <<https://goo.gl/kHKcuL>>. Acesso em 23 fev. 2017.

²⁵ COUTO. *Jogo de extremos*, p. 36-37.

²⁶ O principal fato indicador para o alinhamento de Tostão aos outros “rebeldes do futebol” é uma entrevista do jogador, concedida ao jornal *O Pasquim*, publicado na semana de 3 a 10 de maio de 1970 (menos de 45 dias depois da estreia de *Tostão, a Fera de Ouro*, em Belo Horizonte). Nela, o jogador afirma ser favorável à democracia, qualifica a guerra do Vietnã como ‘suja’ e diz que, no seio da Igreja católica, prefere a “linha de Dom Helder”. COUTO. *Jogo de extremos*, p. 212-215.

ORICCHIO, Luiz Zanin. **Fome de bola**: cinema e futebol no Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

SANT'ANA, Luiz Carlos Ribeiro de. **O futebol nas telas**: um estudo sobre as relações entre filmes que tematizaram o futebol, duas ditaduras e promessas de modernidade, no Brasil e na Espanha – 1964/1975. Tese de Doutorado, História Comparada, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

TOSTÃO já é filme e livro. **Jornal do Brasil**, 28 mar. de 1970, 1º Caderno – Seção Esportes, p. 18. Disponível em <<https://goo.gl/0KnndK>>. Acesso em 23 de fev. 2017.

VIDIGAL, Leo. Cinema e futebol: *Tostão, a Fera de Ouro*. **Páginas heroicas digitais – Blog do Jorge Santana**. 5 fev. 2009. Disponível em: <goo.gl/0tbeKM>. Acesso em: 21 fev. 2017.

ANEXO

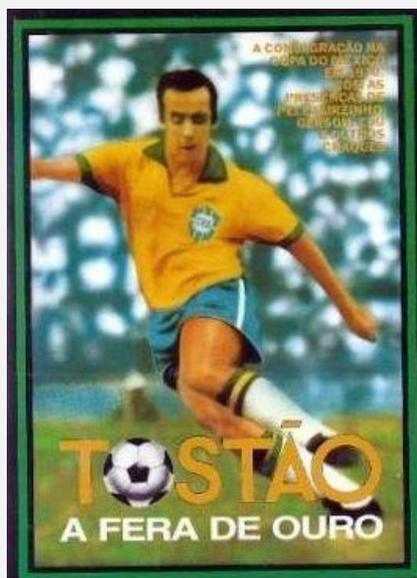


Imagem disponível em: <https://goo.gl/QWQPJL>

Ficha técnica de *Tostão, a Fera de Ouro*.²⁷

Categorias: Longa-metragem / sonoro / não ficção.

Material original: 35mm, cor, 70min, 1.920m, 24q, 1:1'66.

Data e local de produção: 1970, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Certificados: Certificado de Censura 48.453 (Serviço de Censura de Diversões Públicas); de 12.03.1970, livre. Certificado de Exibição Obrigatória 253 de 10.03.1970.

Distribuição: Companhia(s) distribuidora(s) Tekla Filmes.

Argumento/roteiro: Drummond, Roberto.

Direção: Laender, Paulo; Leite, Ricardo Gomes.

²⁷ Cf. FILMOGRAFIA: *Tostão: a Fera de Ouro*.

Direção de fotografia: Duarte, Fernando.

Assistência de fotografia: Escorel, Lauro; Andrés, Maurício.

Câmera: Duarte, Fernando; Veloso, Tiago; Neves, David; Carneiro, Mário; Tourinho, Carlos Alberto; Stein, Ricardo; Portioli, Claudio.

Fotografia de cena: Veloso, Tiago.

Trucagens: Costa, José Roberto da.

Direção de som: Costa, Juarez Dagoberto da; Mello, João Ramiro; Viana, Aloisio.

Engenharia de som: Viana, Aloisio.

Som direto: Dagoberto, Juarez.

Montagem: Dahl, Gustavo.

Assistente de montagem: Tavares, Mair.

Montagem de som: Mello, João Ramiro.

Direção de arte

Letreiros: Weick, Lúcio.

Títulos de apresentação: Weick, Lúcio.

Música (Genérico): Nascimento, Milton.

Canções: **Título:** O jogo; **Autor da canção:** Mascarenhas, Pacífico; **Título:** Aqui é o país do futebol; **Autor da canção:** Nascimento, Milton e Brant, Fernando; **Título:** O homem da sucursal. **Autor da canção:** Nascimento, Milton e Brant, Fernando; **Intérprete:** Nascimento, Milton e Aquele Povo Lá.

Identidades/elenco: Andrade, Eduardo Gonçalves de.

Narração: Bastos, Othon; Souza, Orlando.

Público: Sem informações.

Produtores/custo: Filmes da Serra; Tekla Filmes; Trifilme Produtora e Distribuidora de Filmes.

Produção: Feitosa, Tairone; Calmon, Antônio; Albuquerque, Marcello; Leite, Rubens Gomes; Linares Filho, Geraldo.

Produção executiva: Leite, Maurício Gomes; Carvalho, J. P. de; Veloso, Geraldo.

Produtor associado: Frade, Wilson.

Equipe de produção: Feitosa, Tairone; Calmon, Antonio; Albuquerque, Marcello; Linares Filho, Geraldo; Leite, Rubens Gomes.

Custo: Sem informações.

Prêmios: Medalha de Prata do Comitê Olímpico Nacional Italiano no Festival Internacional do Filme Esportivo de Cortina D'Ampezzo, 1969 - IT.

* * *

Recebido para publicação em 05 mar. 2017
Aprovado em 04 abr. 2017